

“Talvez a crise exija que seja candidato”

Estes são os pontos da entrevista à imprensa concedida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em Londres, antes de seu embarque de volta para o Brasil:

Saúde – “Talvez a estafa de vocês (jornalistas) seja maior do que a minha. A verdade é que há uma diferença de idade que pesa. Provavelmente, quando você se sente cansado demais, com muitas atividades, há um sentimento de mal-estar. Mas eu não tive nenhuma outra transformação, nem de pressão nem dor de cabeça. E a comida foi excelente. Não tem nada a ver com a comida. Faço check-up regularmente. Eu sempre, em matéria de saúde – vocês têm atestado meu comportamento –, eu não escondo se tenho alguma coisa e procuro saber se tenho, faço check-up, faço exercício. Tenho uma vida, o quanto possível, controlada, nem sempre é mais agradável, mas é mais necessário. Eu farei check-up, como faço normalmente, mas não senti nada mais, a não ser a alegria de estar com vocês.”

Florestas – “Estamos comprometidos com pelo menos 10% das florestas tropicais, que ficarão protegidas sob o guarda-chuva do governo federal. É preciso que essas ONGs entendam que é caro preservar a Amazônia da destruição. Aqueles, no exterior, que estão preocupados com o meio ambiente não deveriam apenas criticar ou pedir ação do governo, mas também colaborar. Por exemplo, o G-7 prometeu, anos atrás, centenas de milhões de dólares e até agora só deu trocados. Gostaria de expressar que, junto com bons propósitos e idéias, venha, também, um pequeno fluxo de dinheiro. Nós, Brasil, faremos, de qualquer maneira, porque acreditamos que a Amazônia é importante para o Brasil. Por isso, faremos o melhor possível para preservar ao menos esses 10% das florestas. Estamos fazendo enorme esforço para evitar o aumento dos danos.”

Aposentadoria – (Sobre o pagamento de aposentados só depois de exame rigoroso) “Estou longe do Brasil e não tenho acompanhamento disso. Na questão da Loas (programa de assistência social a idosos), de um ponto não se pode abrir mão: estamos tentando ampliar o período de tempo necessário para examinar a concessão da Loas e estamos requerendo que um médico, além de um médico da pessoa, ligado ao governo, verifique se a pessoa realmente está qualificada para entrar no programa. Não se pode abrir mão do combate à fraude. É impossível. Houve talvez uma apresentação um pouco equivocada da questão, mas a questão principal é esta: estão sendo concedidas muitas pensões a respeito das quais há dúvida sobre sua legitimidade. Seria um pouco demagógico o Congresso falar ‘ah... não vamos cuidar desse assunto’. Nós temos de ser claros com esse assunto. As pessoas que realmente precisam têm de ser atendidas. Agora, abusos não.”

Taxas de juros – “Eu não vou responder de uma maneira mais objetiva porque isso depende de informações mais detalhadas. Mas, sem dúvida alguma, todos os elementos de informações apresentados por vocês mostram que nós já começamos a ter condições para reduzir. Aliás, nós já reduzimos há algum tempo. Houve uma pequena redução. Mas as decisões efetivas são do Conselho Monetário Nacional. Nós temos de entender que, no mundo de hoje, matérias dessa natureza não devem sofrer interferências políticas. Eu sou presidente da República. Se eu fosse ministro da Fazenda, ou presidente do Banco Central, talvez pu-

desse responder de uma maneira mais direta. Isso não quer dizer que o presidente da República não acompanhe e não decida. Ele acompanha e decide a linha. Mas o momento efetivo depende de circunstâncias que eu espero que sejam exatamente as circunstâncias mencionadas e, portanto, haverá essa redução. Quanto mais depressa nós pudemos voltar a taxas de juros normais, melhor para o País.”

Política social – “Vou responder da seguinte maneira (à crítica dos intelectuais sobre falta de política social): desgraçadamente há muitos intelectuais que não se deram conta das mudanças do mundo. Não é o caso da Inglaterra – aqui, o Anthony Giddens, diretor da London School, e o primeiro-ministro Tony Blair. Mas desgraçadamente na América Latina, um grupo de pessoas de tal modo atrasado, que são a vanguarda do atraso e olham a ação do governo de um modo muito limitado. A cada momento, como não têm imaginação, reiteram que não se fez nada em relação aos problemas sociais. Em contrapartida, eu tenho toda a minha ação política marcada em um programa que foi aprovado pelo povo, com metas que estão definidas. Por exemplo, no caso da reforma agrária, quando eu fui candidato disse que ia assentar 280 mil famílias. Até o mês passado, 170 mil e, no ano que vem, segundo as metas, deveríamos assentar 100 mil e o faremos. Alguns dizem que isso não é nada e esquecem que nos últimos 30 anos o que se fez foi menos do que isso. Poderia também lhe dar dados sobre educação.”

Desconfiança dos empresários – “As medidas são tomadas não por causa dos investidores estrangeiros, mas por causa dos brasileiros. Porque é necessário preservar o crescimento da economia e o valor do real. E a primeira confiança a ser obtida é de nós próprios. Só em seguida é que os outros podem confiar em nós. Ninguém confia em um país quando esse país não confia em si mesmo. Os sinais de que o Brasil continua confiando em si mesmo são muito claros. A outra questão diz respeito a problemas de ordem financeira. Eu acabei de ler hoje um relatório de um dos bancos de investimento, num dos jornais, dizendo que eles não estão vendo problemas no financiamento dos bônus brasileiros. Segundo: os títulos brasileiros brasileiros subiram no exterior. O resto é muito subjetivo. Aqueles que falaram comigo mostraram confiança. Temos de ver os resultados, que estão sendo positivos.”

Privatização – “O processo de privatização tem sido feito sem nenhuma sombra de corrupção, com apoio do Congresso e da sociedade. Estamos apenas iniciando a questão da privatização do petróleo e do gás. Vivemos em uma democracia e nela é preciso que se respeitem as decisões do Congresso. Não posso me antecipar ao Congresso. Se nós não vivéssemos em uma democracia e se a minha vontade prevalecesse sobre tudo, talvez se tivesse privatizado logo. Teríamos o País todo contra a privatização, gritando que tinha sido uma coisa contra a privatização. Eu preferia que tivesse ido mais depressa mas isso é a minha opinião e minha vontade. Numa democracia a vontade do presidente conta, mas não decide tudo. Acredito que daqui por diante haverá maior velocidade. A velocidade tem de ser medida em função dos recursos disponíveis. É claro que eu preferiria já ter avançado, numa fase anterior da economia mundial, quando havia mais disponibilidade de recursos. Mas há condições que são políticas e sociais

que definem também o rumo. As condições agora são favoráveis.”

Controle de fluxo de capitais – “A primeira (medida) já foi executada, que foi o aumento de cotas para o FMI de forma que ele disponha de mais e mais recursos para emergências. No caso do México foi muito difícil mobilizar recursos para socorrê-lo. Agora, vultosos recursos têm sido colocados à disposição dos países asiáticos. Nós defendemos uma força maior para o BIS, banco de compensações internacionais – o banco central dos bancos centrais – de tal maneira que ele possa fazer recomendações aos bancos centrais e aos bancos em particular. Mas nem todos aceitaram as recomendações. Embora o sistema de bancos hoje tenha alta credibilidade e confiabilidade, mesmo porque estão mais sujeitos a regras. O fato novo não vem dos bancos, vêm dos fundos, fundos de toda natureza – fundos de pensão, fundos de investimento, que têm muito menos controle que os bancos. Os bancos em geral estão mais ligados ao sistema produtivo e os fundos em geral não têm essa ligação. Não existem regras nessa área e, portanto, achamos que é preciso trabalhar nessa área. Isso não quer dizer que o governo do Brasil esteja propondo enrijecer o mercado e limitar a fluidez de recursos, o que seria contraditório numa economia mais aberta e mais livre. Isso quer dizer que é preciso criar órgãos capazes de dar maiores informações. No Brasil nós tomamos medidas no Conselho Monetário de tal forma que os clientes do fundo vão ficar sabendo qual é o grau de risco que correm ao colocar seu dinheiro naqueles fundos. Se os fundos gostam de ter um risco alto, têm de aumentar os recursos depositados na conta do BC, ou seu capital, para garantir essas operações. Isso faz também com que o cliente saiba que está colocando seus recursos em fundos audaciosos. Em linguagem de mercado, que estão muito avançados. Essa informação é importante de ser dada. Isso podia ser feito a nível mais amplo no mundo. Além do mais, nós achamos que é preciso que haja informações mais detalhadas sobre a situação de cada país, para evitar, por exemplo, que haja confusão. A crise ocorrida na Ásia pegou de chofre o sistema financeiro e pegou também pela grande especulação hávida lá. O Brasil teve problemas no sistema bancário desde 1995.”

Proer – “Nós criamos o Proer, que vai ser peça de campanha eleitoral, se eu for candidato – porque foi tão mal falado e não obstante foi uma das peças fundamentais para permitir o saneamento dos bancos, fazendo com que os banqueiros que atuaram mal perdessem seus bens, mas os depositantes não sofressem as consequências do colapso de um banco. Os japoneses estão fazendo isso agora. Nós saneamos nosso sistema financeiro desde 1995. Estamos saneando o sistema estatal, os bancos de Estado, com muitas dificuldades, porque é uma tradição política e estamos quebrando isso. Os grandes bancos de São Paulo, Rio e Minas já estão sob o controle do governo federal e vão passar a mãos privadas. Nossa situação é totalmente distinta da situação do Sudeste Asiático. Não obstante, a comunidade internacional não tem essas informações. Ou pelo menos não as tem dado por quem tem credibilidade técnica para dizer o que está dizendo. Uma coisa é o presidente da República dizer o que está dizendo. Outra coisa é um órgão como o Fundo Monetário ou o BIS dizer a mesma coisa, mas com autoridade técnica. Por que não aumentar a informação, o reconhecimento técnico, com legi-

timidade sobre as várias situações nacionais e também sobre os fundos em particular? Enfim, há muita coisa a fazer nessa matéria. Em Birmingham, acredito que o G-7 possa discutir o assunto. É claro que o G-7 não pode ser um diretório para controlar o mundo, não há mais Júlio César no mundo. É possível, naturalmente, que progressivamente as organizações existentes, a OMC, o FMI, o Banco Mundial, se articulem melhor para responder a esses desafios.”

Júlio César – “Eu já disse, não há mais no mundo. É uma gentileza, uma coisa que toca. Suponho que uma pessoa de Cambridge não esteja pensando na política brasileira, e sim em termos mais genéricos, e simplesmente quis fazer um gesto de simpatia para comigo. Mas eu não sei se tenho cara de César. Mais de Cipião, que era africano.”

Otimismo – “Você diz que eu estou otimista, para compensar certos pessimismos que existem. Imagine se eu fosse concordar com certas teorias que existem. O Brasil estaria numa situação de agruras. Não é pessimismo nem otimismo, apenas não se deve perder o rumo. Não se pode perder de vista a noção das coisas. Na História, o que é importante é ter sempre juízos comparativos. A primeira comparação é o seguinte: se não se fizesse isso, o que aconteceria, estaríamos numa situação sem saída. Teríamos de subir a taxa de juros, depois de ter desvalorizado a moeda, depois de ter desorganizado tudo. Aí o conjunto da população perde o valor do seu salário e aí temos uma crise. As medidas tomadas, em comparação ao que aconteceria se não houvesse isso, são moderadas. É verdade que, num primeiro momento, o impacto delas é diferenciado. Há setores que são mais sensíveis a isso. No caso da indústria automobilística, deve haver (impacto), porque é mais sensível. Porque estava crescendo a taxas enormes no Brasil. A produção que se imaginava para o ano 2000, de 2 milhões de carros, foi alcançada este ano. Houve um crescimento muito grande. Se for possível continuar crescendo, melhor, mas, evidentemente, quando há um problema dessa natureza, os setores que dependem muito de um certo tipo de consumo, que é afetado pelo crédito, e o crédito por sua vez é afetado pela taxa de juros, é claro que são setores que têm um efeito negativo. Isso não quer dizer que nós devamos nos despreocupar desses setores, pelo contrário. Num primeiro momento, o governo tem de ver o que fazer com o conjunto da população. E a primeira decisão é manter o valor do salário. A pessoa que vai à feira, ou trabalha no campo, ou tem um trabalho menos qualificado que a indústria automobilística perderia muito se perdesse o valor de seu salário. Em segundo lugar, estamos fazendo tudo para que essas medidas sejam rápidas, para que se possa recuperar com rapidez o tempo perdido. O sacrifício maior é o sacrifício da velocidade com que o Brasil vai alcançar as suas metas, houve uma certa perda de velocidade neste momento. E é nossa obrigação como governantes tomar medidas que compensem tudo isso. Todo o setor agrícola foi poupado. A taxa de juros que rege a agricultura brasileira é outra, é em geral de 9,5%, com a inflação de 5% e 4,5% de juro real. Nós criamos ao mesmo tempo em que fizemos essas medidas um fundo de aval para sustentar a produção da pequena e média empresa exportadora. Também aí, nesse fundo de aval, vamos ter condições para contrabalançar os efeitos negativos. O governo está trabalhando fortemente para continuar nosso trabalho na construção civil. O Congresso acabou de aprovar ago-

ra o SFI, que tem como objetivo carrear recursos para esse setor que é alto empregador de mão-de-obra. Não cortou os projetos do Brasil em Ação, não porque é do governo, mas porque são importantes para o Brasil e são empregadores de mão-de-obra. Embora reconhecendo o problema, por uma questão: não vamos nos deixar confundir, embora reconhecendo a importância do assunto.”

Força Sindical – “Não deve ser objeto de ação direta do governo, mas de negociação entre trabalhadores e empresários. Mas, em situação de emergência, ocorrem esses problemas e vamos ver o que dá para fazer.”

Futebol – “A rainha foi muito simpática. Fez uma alusão ao fato de que, nesse aspecto, somos adversários. Os deuses nos levaram à situação de termos de jogar com um clube da Grã-Bretanha. É claro que nós vamos ganhar. Eu disse à rainha que na primeira fase iríamos jogar contra a Inglaterra. É claro que o futebol depende pouco do governo. Depende da nossa capacidade e eu acho que nós devemos dar toda a força ao técnico, ao Zagallo ou quem seja, e torcer muito para que possamos estar presentes lá e ganhar. Preferia que não fosse com a Escócia.”

Esporte e campanha – “Jamais vou usar esporte para campanha eleitoral. Futebol no Brasil é paixão nacional. Só não dá certo para quem fica contra. Eu me lembro da campanha eleitoral passada, eu torci muito a favor. Outros ficaram com medo de torcer porque podiam perder. Eu vou torcer de qualquer maneira, mas não com fins eleitorais.”

Reeleição – “Eu não pensei nisso ainda não (todos riem, inclusive o presidente). Estou tão preocupado com uma porção de coisas mais imediatas como a preservação da moeda, o desenvolvimento econômico e as questões sociais... Eu sempre disse isso e vocês nunca acreditaram. É, é verdade, que eu só tomaria uma decisão se sentisse que tinha condições de servir ao País. Pode parecer que é banalidade, que é uma frase. Mas, para quem teve a carreira que eu tive, que veio da universidade, que entre na política por uma razão especial, combater o regime militar, depois virei ministro da Fazenda, sem nunca ter desejado isso, sem me sentir capacitado para essa função, consegui fazer alguma coisa, enfim, com o Plano Real. Ganhei no primeiro turno, quer dizer, não posso olhar a eleição de uma maneira pessoal. Olhar com maior sentido de responsabilidade. Será que vai ser útil para o País e para as forças políticas e para mim? Isso não é uma resposta simples, pode parecer piegas para quem não está envolvido como eu. Mas eu não preciso me precipitar nessa matéria, tenho de fazer uma análise muito profunda, considerada de mim mesmo, da situação do Brasil, da necessidade de ser candidato. Claro que se houver, como tem havido até hoje, apoios amplos e se eu sentir que posso responder a esse apoio, é claro que eu vou ser candidato. Política é uma coisa muito variável. Eu nunca acreditei nas pessoas que têm um objetivo fixo e fazem tudo para alcançá-lo. Eu acho que a gente deve ter objetivo, sim, de servir bem, na posição em que se está e não ficar pensando no próximo passo. Tenho visto tanta gente sofrer porque não consegue dar outro passo. Eu já dei tantos... Se não der mais nenhum, eu já estou bastante bem.”

Reforma ministerial – “Leio nos jornais o que vou fazer. O governo está funcionando bem. Não há ne-

nhuma força pressionando pela reforma e há um só fato, que é o prazo de desincompatibilização, que é abril, para quem quer ser candidato. Tenho de ver se vou fazer convocação extraordinária, se não vou. Avançou mais ou menos o processo de reforma. São as questões-chave, poder tomar as decisões e aí eu tomo a decisão, numa boa, como vocês costumam ver.”

Crise x candidatura? – “Talvez a crise exija que seja candidato. Tem de fazer uma análise da situação. Em certos momentos você não pode fugir da raia, mesmo que esteja em crise, mesmo que você não vá ganhar. Não é uma decisão em termos de carreira, em termos de realização pessoal. Eu estou muito contente.”

Emprego – “É verdadeiro que o primeiro trimestre, em geral, é o trimestre mais difícil. Mas, essa dificuldade é muito mais sentida a nível dos indicadores e a nível dos especialistas do que da população. A população não percebe que janeiro ou fevereiro é pior do que dezembro ou do que outubro. A população percebe quando vai fazer compras, quando tem dificuldades de emprego. Aí sim. A grande preocupação do governo, neste momento, tem de ser emprego. Fazer tudo para que haja uma continuidade da oferta de emprego. No resto, não creio que o conjunto da população perceba dificuldades maiores nesses meses. A economia, por causa das taxas de juros, é possível que sofra uma redução. Então, isso vai ter alguns efeitos. Uns (aspas do presidente) “bons”, porque vai reduzir o déficit da balança comercial, porque vai facilitar a redução do déficit público e vai aumentar a confiança – e veja como a economia é uma coisa afé cruel: as dificuldades “melhoram” as expectativas, porque estão vendo que o Brasil vai crescer mais adiante. Para os que sofrem diretamente, se houver problema, por exemplo, se a indústria automobilística desempregar, a situação vai ser difícil e o governo vai ter de aumentar os programas de treinamento de mão-de-obra, vai ter de dar mais atenção ao seguro-desemprego, vai tomar as medidas. Mas não creio que para o conjunto da população mesmo esses meses sejam meses que possam dar uma preocupação adicional maior, desde não fiquem lendo demais essas coisas que vocês escrevem.”

Lula – “É uma questão do PT, não minha. Quero dizer mais uma vez, como sempre tenho dito. Eu respeito muito o Lula. Já concorremos uma vez e foi uma competição que não deixou nenhuma mágoa, nem marca. Acho que o Lula é uma pessoa que o Brasil deve preservar. Portanto, do ponto de vista pessoal, a presença do Lula na campanha é uma coisa positiva, não negativa. Positiva nesse sentido, não no outro sentido, que é mais fácil. Ninguém sabe o que é mais fácil. Quero deixar bem claro que eu tenho respeito pelo Lula, que, às vezes, diz algumas coisas que não são lá muito agradáveis, mas é no calor da hora. É uma pessoa que respeito, é um bom candidato, mas não é isso que vai afetar a minha decisão.”

Férias – “Sempre que posso, passo uma semana descansando. No final do ano.”

Reforma da Previdência – (Sobre a aprovação da emenda antes das eleições.) Isso é coisa de quem não entende nada de política. Quem diria que há um mês essas medidas seriam assim aprovadas? O Congresso está aprovando tudo que eu mandei, de uma maneira extraordinária. Acho que aprovará antes do carnaval.”